



LILIANE MARIA JAMIR E SILVA organizadora
MIQUÉAS FERRAZ ilustrador

CIRANDA PERNAMBUCANA

ANTOLOGIA POÉTICA INFANTOJUVENIL



Fundação
Joaquim Nabuco
Editora Massangana

CIRANDA PERNAMBUCANA ANTOLOGIA POÉTICA INFANTOJUVENIL

**LILIANE MARIA JAMIR E SILVA organizadora
MIQUÉAS FERRAZ ilustrador**

CIRANDA PERNAMBUCANA ANTOLOGIA POÉTICA INFANTOJUVENIL

ISBN 978-65-5737-036-0
© 2023 Da organizadora

Reservados todos os direitos desta edição.
Reprodução proibida, mesmo parcialmente, sem autorização
da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco

Fundação Joaquim Nabuco | www.fundaj.gov.br
Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte (Dimeca)
Rua Henrique Dias, 609 - Ed. Ulysses Pernambucano - Derby
Recife-PE | CEP 52010-100 | Telefone (81) 3073.6767
Editora Massangana | Telefone (81) 3073.6321

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Camilo Santana

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
Márcia Angela da Silva Aguiar

DIRETOR DE MEMÓRIA, EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE
Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo

COORDENADORA GERAL DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E DE ESTUDOS
DA HISTÓRIA BRASILEIRA RODRIGO MELLO FRANCO DE ANDRADE
Albertina Otávia Lacerda Malta

EDITORA MASSANGANA:

COORDENADORA
Elizabeth Mattos

CHEFE DO SETOR DE EDITORAÇÃO
Antônio Laurentino

EDIÇÃO
Marcelo Abreu (colaborador)

PROJETO GRÁFICO e DIAGRAMAÇÃO
Leonardo Ferreira (colaborador)

ARTE DA CAPA E ILUSTRAÇÕES
Miquéas Ferraz

REVISÃO
Ana Paula Lourenço de Sá

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Fundação Joaquim Nabuco - Biblioteca)

S586c Jamir e Silva, Liliane Maria

Ciranda pernambucana: antologia poética infantojuvenil / Liliane Maria Jamir e
Silva. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2023.
94 p.: il

ISBN: 978-65-5737-036-0

1. Literatura Infantojuvenil. Poesia. I. Título

CDU: 82-93 -3

SUMÁRIO

Uma ciranda no reino da poesia — Túlio Velho Barreto	09
Introdução — Liliane Maria Jamir e Silva	11
Prefácio — Joana Cavalcanti	13
Apresentação — Maria da Graça Soares da Costa	17
ASCENSO FERREIRA	19
CARLOS PENA FILHO	23
CELINA DE HOLANDA	27
CIDA PEDROSA	31
ERICKSON LUNA	35
JANICE JAPIASSU	39
JOAQUIM CARDOZO	43
LENICE GOMES	47
LUCILA NOGUEIRA	51
MARCUS ACCIOLY	55
MAURO MOTA	59
MAXIMIANO CAMPOS	63
MIRÓ	67
PEDRO AMÉRICO	73
SOLANO TRINDADE	79
Poemas selecionados e suas fontes	85
Minibiografias dos poetas	89
Sobre a organizadora	92
Sobre o ilustrador	93

UMA CIRANDA NO REINO DA POESIA

Túlio Velho Barreto¹

*Felizmente, à boca da noite
eu tinha uma velha que me contava histórias...
Lindas histórias do reino da Mãe-d'Água...
E me ensinava a tomar a benção à lua nova.*

Ascenso Ferreira²

É com enorme satisfação que a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), por meio da Editora Massangana, entrega ao público infantojuvenil, aliás, a jovens leitores de todas as idades, a antologia poética *Ciranda pernambucana*. O livro foi organizado pela escritora Liliâne Maria Jamir e Silva, professora da Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire), e ilustrado pelo artista Miquéas Feitosa Ferraz. E resulta de projeto desenvolvido no âmbito do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica (Nupic), que envolveu docentes e estudantes daquela instituição de ensino. Projeto ao qual, agora, a Fundação Joaquim Nabuco se associa, coerente com a missão de atuar nos campos da educação e da cultura.

E o faz, sobretudo, por entender que esta obra contribuirá para tornar ainda mais acessível ao público em geral, principalmente a jovens leitores e leitoras, a poesia de 15 dos mais relevantes autores pernambucanos. Ou que aqui construíram suas carreiras literárias. Entre os poetas selecionados, há recifenses e imigrantes das diversas microrregiões de Pernambuco, além de dois outros estados. Observa-se ainda a intenção e o cuidado da organizadora de contemplar diversas temáticas e estilos poéticos, mas igualmente a diversidade de gênero, origem étnico-racial e geracional dos nomes selecionados.

A nos encantar, os versos dos 45 poemas de *Ciranda pernambucana* nos convidam a dançar, a brincar, a sonhar... Como escreveu o poeta de Palmares, na Mata Sul de Pernambuco, Ascenso Ferreira, presente nesta antologia, em seu poema “Minha escola”, do qual extraí os versos da epígrafe acima, sempre haverá alguém para nos contar histórias... Lindas histórias de muitos reinos. Histórias a nos ensinar a tomar a benção à lua, seja qual for a sua fase. Sim, os poemas desta antologia estão a convidar jovens leitores e leitoras para uma aventura que apenas o reino da poesia é capaz de propiciar.

¹ Túlio Velho Barreto é cientista social, pesquisador e docente da Fundação Joaquim Nabuco, onde ocupa o cargo de diretor de Memória, Educação, Cultura e Arte.

² FERREIRA, Ascenso. “Minha escola”. In: *Poemas de Ascenso Ferreira: catimbó, cana caiana, xenhenhém*. Recife: Nordestal, 1981, p. 43. A epígrafe corresponde aos versos finais do poema.

INTRODUÇÃO

Liliane Maria Jamir e Silva

*Ilumina-se o campo
para o futebol na aldeia.
Aparece a bola branca,
feita de algodão e meia.
Meninos poetas jogam
com a bola da lua cheia.*

Mauro Mota¹

Esta antologia visa valorizar a vivência poética entre crianças, adolescentes e os que se dispuserem a entrar nesta ciranda de poetas da nossa terra. Nossa maior intuito é o de despertar o interesse dos leitores iniciantes para o texto poético, envolvendo, também, aqueles que certamente farão parte do processo de mediação da poesia nos vários espaços de leitura. Para isso, nada melhor que a seleção de poemas de autores pernambucanos ou aqui radicados.

A ideia desta coletânea surgiu há algum tempo, enquanto docente do curso de Letras da Fafire, quando, pela primeira vez, foi inserida em sua matriz curricular a disciplina Literatura Infantojuvenil. A mim coube elaborar a ementa e o plano de ensino da disciplina, como também ministrá-la no curso de Letras e, posteriormente, no curso de Pedagogia. Isso por volta de 1989.

Esse pioneirismo no estado de Pernambuco (talvez no Nordeste) nos encheria de júbilo, mas também nos traria algumas inquietações. Nessa época, muita literatura já se produzia para o público infantojuvenil, principalmente no Sudeste e no Sul do país, respeitando-se a sua especificidade, como também muita gente boa, da esfera acadêmica, já lançava algumas luzes no sentido de discutir aspectos atinentes à natureza da literatura infantojuvenil como objeto artístico.

Por outro lado, em todo esse decurso, percebemos, também, uma carência de programas e/ou projetos voltados para a literatura infantojuvenil no espaço acadêmico, talvez pela falta de reconhecimento da grandeza e da autonomia dessa literatura, por vezes injustamente concebida como literatura menor. A produção literária nesse segmento, aqui em Pernambuco, também ainda era escassa. Não obstante ser reconhecido como notável celeiro de poetas, ficcionistas e dramaturgos, até pouco tempo nosso estado não apresentava uma produção sistemática para o público infantojuvenil, notadamente em se tratando do gênero poesia, que ainda nos parece o menos valorizado nos contextos escolares.

¹ MOTA, Mauro. "Jogo noturno". In: PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Antologia em verso e prosa*. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: Fundarpe, 1982, p. 50.

Sem a necessária reflexão sobre questões cruciais, como a falta de vivência poética no âmbito escolar, retomemos o nosso foco quanto à publicação deste livro, cujo objetivo primordial é o de contribuir para que o gênero poesia ganhe o seu merecido espaço nos contextos de leitura.

Aqui, temos poemas que certamente nunca foram pensados ou criados para a infância e a adolescência. Contudo, sabemos que a poesia não tem idade, e que toda grande poesia pode ser compartilhada com os pequeninos, com os leitores em processo de formação inicial.

Muitos desses leitores incondicionalmente se mostrarão preparados, abertos, receptivos ao que se delineia em cada verso, em cada estrofe, em cada poema desta antologia. Porque geralmente o texto poético toca a sensibilidade dos que se dispõem a penetrar no ludismo mágico e instigante da palavra poética. Outros, talvez, precisem ser motivados, conduzidos, iniciados (e aí nosso papel enquanto pais, adultos, educadores leitores) a entrarem nesta ciranda de poesia, uma tarefa prazerosa e desafiante, para a qual esperamos a adesão de pais, professores e mediadores em geral, que possam fazê-la com alegria e entusiasmo.

A presente obra reúne poemas de grandes ícones de nossa poesia, como Ascenso Ferreira, Carlos Pena Filho, Celina de Holanda, Cida Pedrosa, Erickson Luna, Janice Japiassu, Joaquim Cardozo, Lenice Gomes, Lucila Nogueira, Marcus Accioly, Mauro Mota, Maximiano Campos, Miró, Pedro Américo de Farias e Solano Trindade, contando também com a ilustração singular do reconhecido artista plástico Miquéas Ferraz.

Vale ainda dizer que este livro foi oportunamente gestado entre 2018 e 2019, em projeto desenvolvido na Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire), através do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica (Nupic) dessa instituição de ensino superior. Ele é também parte de um projeto mais amplo, denominado Estudos sobre leitura e literatura: uma proposta para a formação de educadores e mediadores de leitura, do qual participaram docentes ligadas a este campo de estudo e discentes do curso de Letras, aos quais agradecemos pela colaboração e pela crença na possibilidade de editar esta coletânea – especialmente a Graça Lins, Nelma Menezes e Vilani de Pádua –, e a todos que contribuíram para a realização deste empreendimento.

Esperamos que este livro possa cumprir a sua finalidade – seja a de valorizar o texto poético, seja a de despertar o interesse dos leitores iniciantes para a fruição estética –, contribuindo, assim, para o (re)conhecimento da poesia pernambucana entre o público infantil e juvenil.

PREFÁCIO

Joana Cavalcanti¹

*Se as portas da percepção fossem desobstruídas,
todas as coisas surgiriam diante do homem como
verdadeiramente são, infinitas.*

William Blake²

Escrever um prefácio é sempre um desafio de sedução. Mas não é tarefa ligeira, pois se tem a responsabilidade de abrir as portas da casa de alguém. Logo, se constitui em tarefa de honra. No caso desta *Ciranda pernambucana: antologia poética infantojuvenil*, aceitei o convite com alegria e honra, visto que a sua organizadora, Liliane Maria Jamir e Silva, é companheira de luta em prol da literatura infantojuvenil desde os anos 80. Liliane é profissional séria, competente e sensível, uma pessoa valiosa. Sim, independentemente da distância e do mar que nos separa, temos algumas histórias para contar e lembrar. Narrativas que são laço e abraço. Certamente, estamos unidas pela certeza de que a leitura literária tem o poder de construir mundos e transformar realidades. Portanto, oferecer literatura às crianças é um compromisso do qual a família e a escola, bem como a comunidade, não se devem desviar.

Como professora e escritora, sinto-me motivada a convidar o leitor a entrar em cada poema aqui apresentado, realizando o seu percurso de prazer pelo texto, mas, por outro lado, preciso de “(...) coragem para fazer o que vou fazer: dizer. E me arriscar à enorme surpresa que sentirei com a pobreza da coisa dita”³. Pois, falar de poesia, infância e educação, é sempre correr um risco. O risco de não se conseguir dizer coisas essenciais e importantes, de não se conseguir o aprofundamento necessário aos temas referidos, carentes de mergulhos profundos e reflexões prolongadas.

Além disso, estamos diante de uma antologia poética! Ora, a poesia – o poema – amplo e generoso como é, reside na linguagem essencial, próxima à origem da palavra e ao que existe de mais inaugural na linguagem humana. Muitos autores até aproximam a poesia à linguagem da criança, visto que esta se comunica de forma direta, rítmica e sonora. No poema, conseguimos a aproximação mais lúdica com o dito e o universo da criança – o jogo de palavras, com rimas ou não, a cadência sonora, a marcação rítmica, as imagens metafóricas que apelam diretamente às sensações fazem do gênero poético o mais visceral, o mais próximo da essência da palavra, portanto, da sua insuficiência. A poesia está próxima da infância. E por isso, sabiamente, Freud, em seus escritos, diz que o poeta e a criança estão na mesma dimensão existencial.

¹ Joana Cavalcanti é escritora, editora, professora e doutora em Teoria da Literatura. É também especialista em Educação com formação em Psicanálise, Psicodrama e Bioenergética.

² In: CAMPOS, Antônio. *Territórios da palavra*. Recife: IMC, 2008.

³ LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 16.

Certamente, a organizadora, experiente na teoria literária, escolheu a poesia como eixo principal para a formação de crianças leitoras por compreender a sua essência enquanto linguagem que apela à emoção e aos sentidos. O fazer poético é sinestésico, físico e mobiliza o sensorial, sensibilizando o corpo para a compreensão da palavra, enquanto sentido e significância. A palavra veiculada no poema é orgânica. Em bruto. Fala aos sentidos. Logo, não é difícil de se compreender a razão pela qual crianças e jovens se sentem tão atraídos pelo gênero poético. A *poiésis* consiste no fazer, no criar e gerar outros campos sêmicos, outros universos da linguagem, por onde o leitor haverá de sentir a musicalidade da palavra a atravessar os seus sentidos, despertando-lhe, naturalmente, a percepção mais sensível e alargada de realidades possíveis.

Escolheu-se, nesta antologia, quinze poetas pernambucanos. Não por acaso, pois ousaria dizer que as dimensões de identidade, cultura e existência marcam a seleção das obras que aqui se inserem. Poetas que pintam com palavras a sua geografia local e falam de seus bairros, das ruas, das casas, da paisagem e do modo de agir e ver a partir daquilo que caracteriza o ser pernambucano. Neste modo de agir e ver se encontra transfigurada a cultura local, quer na referência à culinária, quer nas brincadeiras de criança e tradição popular, quer na melodia inerente à forma de falar, ao movimento do corpo... da natureza, quer ao modo de existir atribuído ao ser pernambucano, ou seja, à pernambucanidade, expressão tão utilizada nos dias atuais para caracterizar a originalidade de ser pernambucano.

Contudo, em se tratando de arte e literatura, os poemas que aqui se encontram ultrapassam as marcas culturais para fincar presença no universal. Os mesmos poetas, homens e mulheres, que representam a pernambucanidade, discorrem sobre temas universais como o tempo, o amor, o desejo, a saudade, a infância, o despertar, a memória afetiva, a casa, o feminino, a família, a existência e a resistência. Temas que servem ao humano em todas as épocas e territórios.

Lembro Roland Barthes, quando diz que:

Como criatura de linguagem, o escritor está sempre envolvido na guerra das ficções (dos falares), mas nunca é mais do que um joguete, porque a linguagem que o constitui (a escritura) está sempre fora de lugar (atópica); pelo simples efeito da polissemia (estádio rudimentar da escritura), o engajamento guerreiro de uma fala literária é duvidoso desde a origem. O escritor se encontra sempre sobre a mancha cega dos sistemas, à deriva; um joker, um mana, um grau zero (...). (2002, p. 43, 44).

O poeta, o escritor, é alguém que produz linguagens, que inventa e funda mundos a partir da sua pertença/despertença, e estando fora do lugar, se buscará na escritura, no tecido do texto, tendo a intenção de fazer brotar o novo naquilo que a palavra não diz. O poeta, então, é um “fingidor”, tal como diz o grande poeta português, Fernando Pessoa. Mas finge tão bem que é capaz de representar a realidade por meio de uma única metáfora, por meio da qual a palavra se torna o todo de um instante ou eternidade qualquer, tornando-se verdade.

Na apresentação desta obra, Liliane Jamir, com objetividade e a sabedoria de quem conhece o tema, nos insere na problemática da literatura infantojuvenil, enquanto gênero destinado à infância e à juventude, ainda pouco estudado no âmbito das academias e grupos de pesquisa, mas em crescente ascensão.

Como se sabe, a marginalização dessa literatura tem a ver com o sistema com o qual estará, marcadamente, ligado desde a sua origem, ou seja, o educativo. Desde o surgimento dos primeiros textos destinados às crianças que estes servem às várias finalidades da educação, ficando, portanto, mais distanciados dos estudos literários canônicos.

Sendo uma literatura considerada de fronteira, tendo em vista que possui um público destinatário específico, para o qual a linguagem literária tem de se adequar, devendo ser capaz de motivar e desenvolver crianças, no que diz respeito às dimensões cognitiva, afetiva e social, durante longo período sofreu preconceito por parte da crítica literária. Eu diria que a literatura infantojuvenil tem resistido graças à qualidade da sua produção, em que se associam muitas linguagens, sobretudo os textos escritos e publicados com ilustrações. Estas, cada vez mais, alcançam altos níveis de qualidade e expressão.

Mas, por outro lado, a literatura infantojuvenil ganha estatuto e reconhecimento na medida em que a criança passa a ser alvo de estudos acadêmicos e, também, mercadológicos. Logo, o cenário de discussão no âmbito da literatura destinada aos mais jovens é bastante complexo e exige reflexão aprofundada, tendo em vista que se envolve em vários sistemas e subsistemas, sendo fortemente influenciada pelos sistemas econômico, político e ideológico.

Vejo nesta antologia mais um rasgo de reconhecimento à infância e à literatura para crianças e jovens, apelando diretamente aos mediadores de leitura, estes para quem, segundo Zohar Shavit⁴, precisamos “piscar o olho” antes mesmo de piscar para a criança, pois estes determinam o tipo de literatura a ser lida pelo jovem em formação.

Considerando que esta organização surge no âmbito do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica (Nupic) da Faculdade Frassinetti do Recife (Fafre), na qual estão envolvidos estudantes e professores inseridos nos *Estudos sobre leitura e literatura: uma proposta para a formação de educadores e mediadores de leitura*, compreendo que esta antologia é, em primeiro lugar, uma piscadela de olho para os mediadores de leitura. Esses que apresentam o repertório e o livro às crianças e jovens se constituem nos mediadores e promotores de leitura, cabendo a eles a linda, grande e árdua tarefa de “ensinar a ler – compreender e interpretar a realidade”, para transformá-la, alterá-la, criticamente, em algo melhor. Portanto, concordo com a pesquisadora Shavit. O acesso da criança ao livro se dá por meio de um mediador, de alguém que lhe apresenta o poema e as histórias. Alguém que com ela desbravará mundos e fará travessias incríveis.

Assim, estamos diante de uma obra que apela, em primeira instância, aos mediadores e promotores de leitura, confiando-lhes a tarefa de conduzir os seus pequenos leitores na leitura de quinze poetas pernambucanos que cirandam palavras de encantamento e nos convidam, a partir da sua identidade regional e fôlego universal, a sentir a existência em suas variadas dimensões e a pensar o mundo por meio da poesia.

⁴ SHAVIT, Zohar. *Poética da literatura para crianças*. Lisboa: Editora Caminho, 2003.

Com Ascenso Ferreira, Carlos Pena Filho, Celina Holanda, Cida Pedrosa, Erickson Luna, Janice Japiassu, Joaquim Cardozo, Lenice Gomes, Lucila Nogueira, Marcus Accioly, Mauro Mota, Maximiano Campos, Miró, Pedro Américo Farias e Solano Trindade, convidando-os a cirandar na nossa língua e pátria – percorrendo infâncias, festas, brincadeiras, tempos e memórias, naturezas em exuberância... ruas e passagens de Recife. Poesia sem rima, com rima, sem verso e com verso, mas, sublinhadamente, a transportar a palavra que nos faz pertencer às raízes pernambucanas.

Embora a maioria dos poetas apresentados não sejam considerados autores de literatura infantojuvenil, bem sabemos que os textos podem e devem ser oferecidos às crianças e jovens, tendo, quando necessário, um mediador que possa esclarecer e orientar, de forma lúdica, criativa e comprometida, o leitor em formação. A literatura de boa qualidade é para todos, respeitando-se o estatuto de leitor jovem que, em geral, necessita de um mediador que lhe sirva de luz para compreender palavras e sentidos ainda não experimentados.

Este livro *Ciranda pernambucana: antologia poética infantojuvenil* aponta para o fato de que a boa poesia deve e pode ser lida e degustada por leitores de qualquer idade, podendo ser mediada por um adulto sensível e que seja capaz de abrir caminhos ao leitor criança, ainda necessitado de alguém que o possa conduzir na construção de si mesmo.

Temos aqui obra de mérito, pela qualidade dos poetas e seleção de poemas, estes colo-ridos pelo pincel do ilustrador Miquéas Ferraz, que, com a sua arte, não transforma a outra, mas antes, faz nascer outra em desdobramento da primeira que a palavra revela. Portanto, temos textos que dialogam na sua produção de sentidos e significados, transitando entre artes que se unem para redimensionar a realidade.

Que maneira mais grandiosa de se ajudar alguém a crescer! Dar-lhe a musicalidade e o ritmo como embalo sonoro, feito de palavra em colo de poesia. Dar-lhe a oportunidade de se inaugurar em mundos recém-descobertos, possibilitando-lhe o tornar-se leitor crítico no mundo e para o mundo. No seu contexto e para além dele.

Resta-me abrir a porta e convidar o leitor a seguir, em círculo, na ciranda que nos é oferecida. Ciranda poética, embrulhada em poesia, como se fossem um presente de amor destinado às crianças e aos seus mediadores de leitura, aqueles que assumem a nobre tarefa de abrir as portas da percepção e mostrar aos leitores em formação os infinitos do infinito.

Para finalizar, e na esperança de que algum dito se complemente no entendimento daquele que agora me lê, realço a importância do mediador de leitura na condução do processo de formar leitores (no mundo e para o mundo), e felicito à professora e pesquisadora Liliane Jamir por mais este produto, resultado da luta de quem acredita que a leitura nos confere voz, poder, liberdade e transcendência. Poesia para todos, dentro e fora dos muros que se erguem pelo mundo afora. Vamos cirandar com poesia!

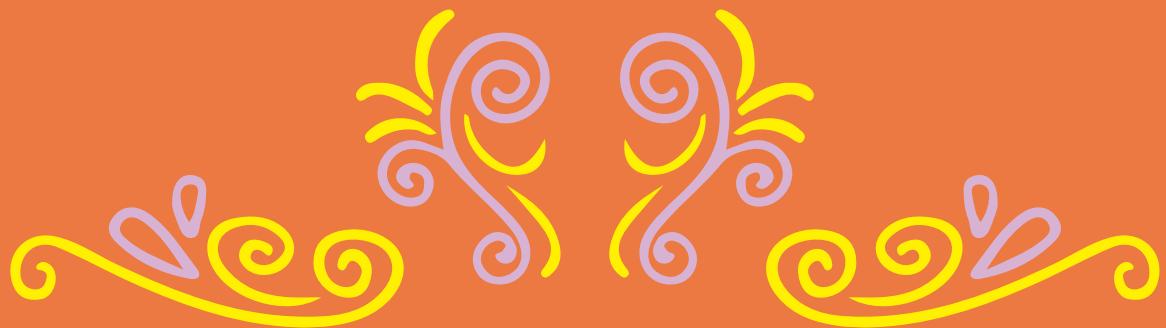
APRESENTAÇÃO

Maria das Graças Soares da Costa¹

Ao entrar nesta *Ciranda*, diante da antologia,
Eu fico me perguntando: “qual o lugar da poesia?”
Girando neste movimento, que expressa empatia,
Com crianças e adolescentes, contemplando a alegria,
De poetas e poetisas, desta obra, eu saberia.

Vivendo a pernambucanidade, e fazendo a travessia,
De mãos dadas com os leitores e escutando a melodia;
Renovando as energias, dispersando a nostalgia;
Vamos juntos cirandar, nesta bela companhia,
E em sintonia com os versos, encontrar toda a poesia.

¹ Maria das Graças Soares da Costa é professora e diretora-geral da Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire).



ASCENSO FERREIRA





A cavalhada

Fitas e fitas...
Fitas e fitas...
Fitas e fitas...
Roxas,
verdes,
brancas,
azuis...

Alegria nervosa de bandeirinhas trêmulas!
Bandeirinhas de papel bulindo no vento!....

Foguetes do ar...

– “De ordem do Rei dos Cavaleiros,
a cavalhada vai começar!”

Fitas e fitas...
Fitas e fitas...
Fitas e fitas...
Roxas,
verdes,
brancas,
azuis...

– Lá vem Papa-Légua em toda carreira
e vem com os arreios luzindo no sol!
– Danou-se! Vai tirar a argolinha!

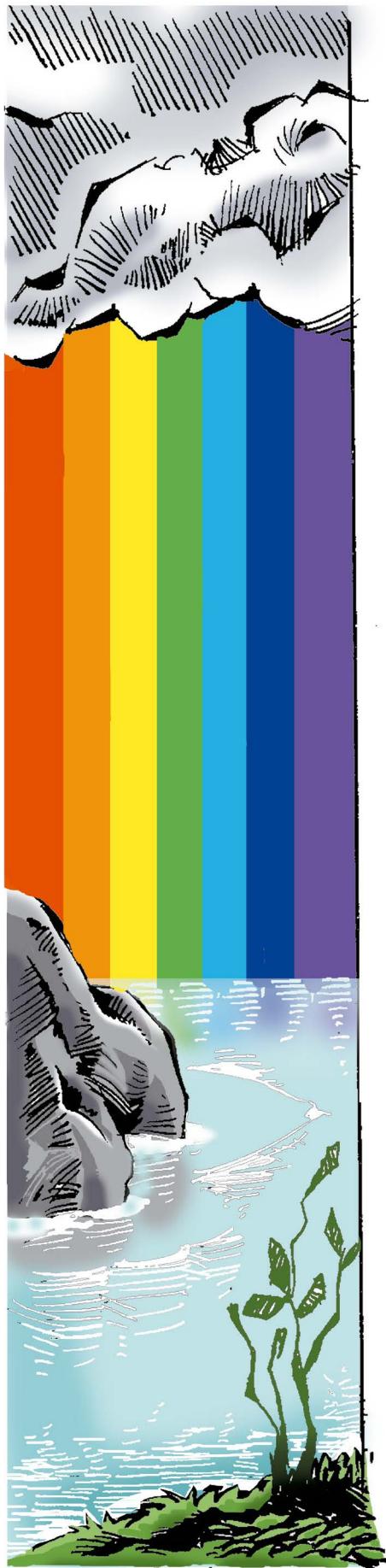
– Pra quem será?
– Lá vem Pé-de-Vento!
– Lá vem Tira-Teima!
– Lá vem Fura-Mundo!
– Lá vem Sarará!

- Passou lambendo!
- Se tivesse cabelo, tirava!...
- Andou beirando!...
- Tirou !!!
- Música, seu mestre!
- Foguetes, moleque!
- Palmas, negrada!
- Tiraram a argolinha!
- Foi Sarará!

Fitas e fitas...
Fitas e fitas...
Fitas e fitas...
Roxas,
verdes,
brancas,
azuis...

- Viva a cavalhada!
 - Vivôô!!!
- “De ordem do Rei dos Cavaleiros,
a cavalhada vai terminar!”





Arco-íris

– Como é bonito! Como é bonito!
Cheio de cores... cheio de cores...

– Viva o Arco-Íris! – ecoa um grito.
– Oh! Como é belo! Tem sete cores...
– Está bebendo água no riacho!
– Vamos cercá-lo... vamos cercá-lo...
– Vamos passar nele por baixo!
– Vamos passá-lo... vamos passá-lo...
– Fugiu do riacho... – Subiu o monte...
– Vamos pegá-lo... vamos pegá-lo...
O monte é no alto ... Só o horizonte
vazio resta... Onde encontrá-lo?

Fugiu...
A chuva fina tem carícias de morte...
Fugiu...
Para o Sul? Para o Norte?
– Quem sabe?
Desapareceu...
Além...

VIDA – Arco-Íris também...





CARLOS PENA FILHO





Retrato campestre



A Ayrson J. B. Lopes

Havia na planície um passarinho,
um pé de milho e uma mulher sentada.
E era só. Nenhum deles tinha nada
com o homem do caminho.

O vento veio e pôs em desalinho
a cabeleira da mulher sentada
e despertou o homem lá na estrada
e fez canto nascer no passarinho.

O homem levantou-se e veio, olhando
a cabeleira da mulher voando
na calma da planície desolada.

Mas logo regressou ao seu caminho
deixando atrás um quieto passarinho,
um pé de milho e uma mulher sentada.



Poema de Natal

– Sino, claro sino,
tocas para quem?

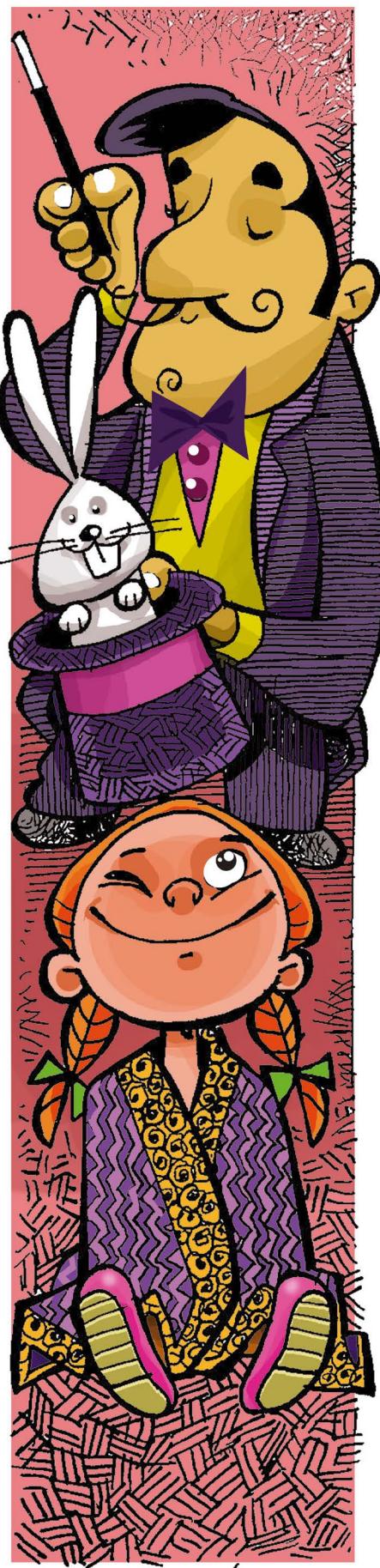
– Para o Deus menino
que de longe vem.

– Pois se o encontrares
traze-o ao meu amor.

– E que lhe ofereces,
velho pecador?

– Minha fé cansada,
meu vinho, meu pão.
meu silêncio limpo,
minha solidão.





Sonetinho infantil



A Clara Maria

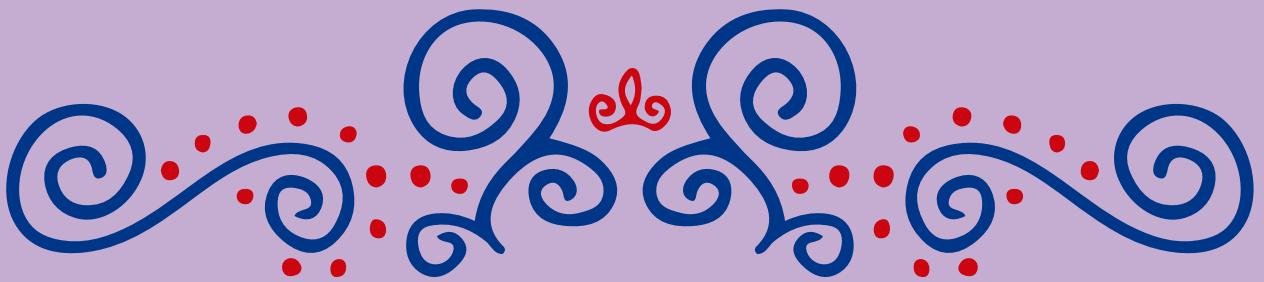
Era clara a menina, longe ou perto,
mesmo entre os seus alvíssimos lençóis.
Ria, como se visse caracóis
cantando uma opereta no deserto.

Logo piscou um olho para o coelho
que – diziam – não era bom da bola
e mágicos tirava da cartola
pois vivia ao contrário, atrás do espelho.

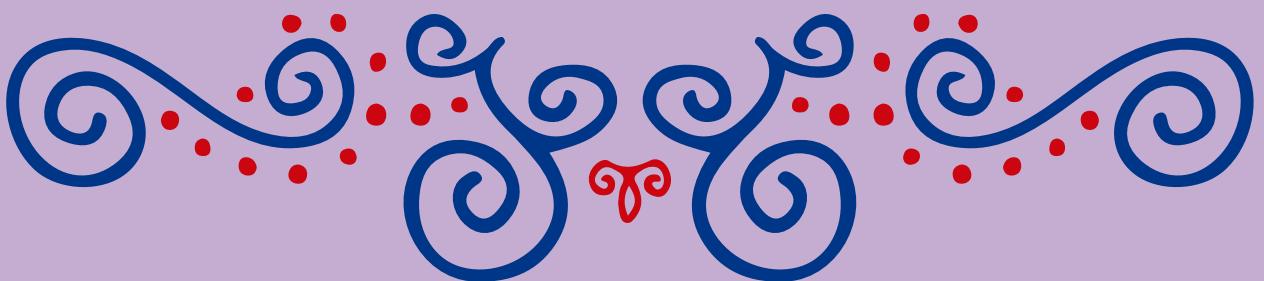
Depois ficou olhando uns elefantes
que mantinham conversa acalorada
sobre a lista dos dez mais elegantes.

Mas, depressa fechou seus olhos pretos
e adormeceu, para não ser trancada
com a chave de ouro de fechar sonetos.





CELINA DE HOLANDA





Infância



Ontem recebi
em palavras e gráficos
uma poesia cheia de ternura
e, sobretudo, infância.

Ao autor da poesia
darei quando encontrar
uma pedrinha branca
mais luminosa que o sol
de minha neta Gabi
e ainda este verde
que ela pintou para mim
estas flores e nuvens
do azul mais profundo
dos mares por aqui.



O cabriolé a menina

A Nilce Cavalcanti Barbosa

No cabriolé, a menina
com os avós passeando.
O trem passando: piuiu,
a máquina com seus vagões,
na safra cheios de cana.

(o apito longo e a fumaça
em um tempo novo ondulando
sobre os cadernos da infância).

O carro de bois plangendo
o seu canto, longamente,
as rodas sulcando a lama
(para sempre sobre a tela,
pintada por meu irmão).





Das águas e seus caminhos

Havia as águas caindo
na rampa da cachoeira
parecendo um lençol branco
por entre espumas fugindo,

no susto da lavadeira,
vezes abrindo ora estreitando
por entre pedras ou não
conforme fosse o caminho,

levando as folhas, garranchos
ou ingás de polpa branca,
passando rente na mata
onde gritava o pavão.

E eram as águas na bica
correndo em nossa nudez
os cheiros da natureza
e a seiva do sabonete
no corpo se desmanchando.







o berço

deus toca flauta
vladimir dorme
sonha:
sobe no último galho da árvore
entra no ninho
vira passarinho.
enquanto isto...
o anjo da guarda
– sentado aos pés do berço –
brabo
toma a flauta
e cobra horas extras.



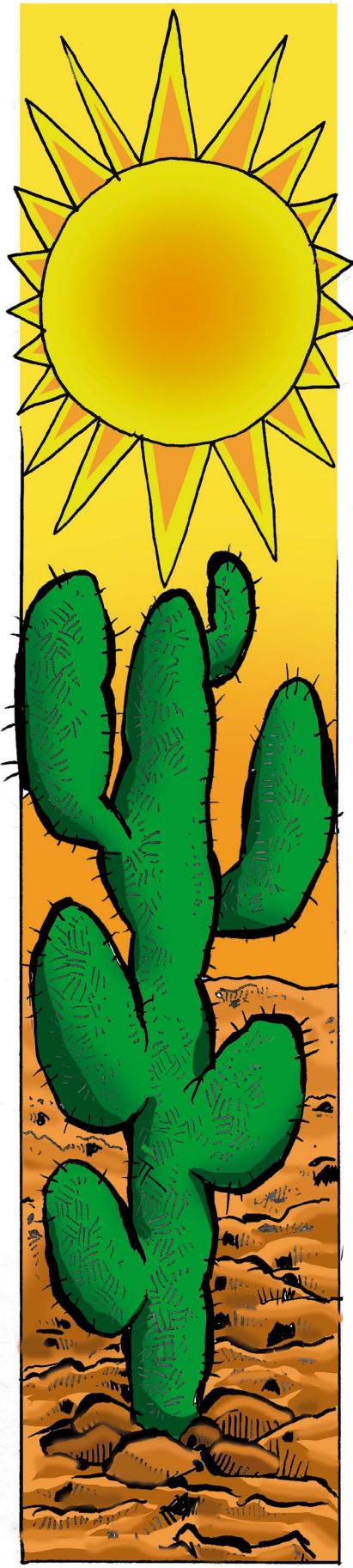


o menino e o mar



o menino venceu o mar.
o tridente
– agora sem chamas –
dorme na areia.
deus rendido
por pequeno guerreiro
de certezas.
a onda comeu os dentes
a correnteza, a espada, o escaravelho
e as águas daninhas.
o azul foi devolvido ao menino
envolto em um conto de sereia.





a face e o sertão

o azul toma conta da face
que se transmuda em sertão

velas a postos
sons despedidas
histórias de naufragos
ressurreição

o sol toma conta da face
que se exprime sertão

pipas a pino
ciranda de nuvens
varanda aurora
roda pião

o nu toma conta da face
onde mora o sertão



ERICKSON LUNA



Sem tic-tac

Mesmo um relógio parado
constam certas as horas
duas vezes ao dia





É muito mais
do que falar verdade
pois mais se faz
em não saber mentir



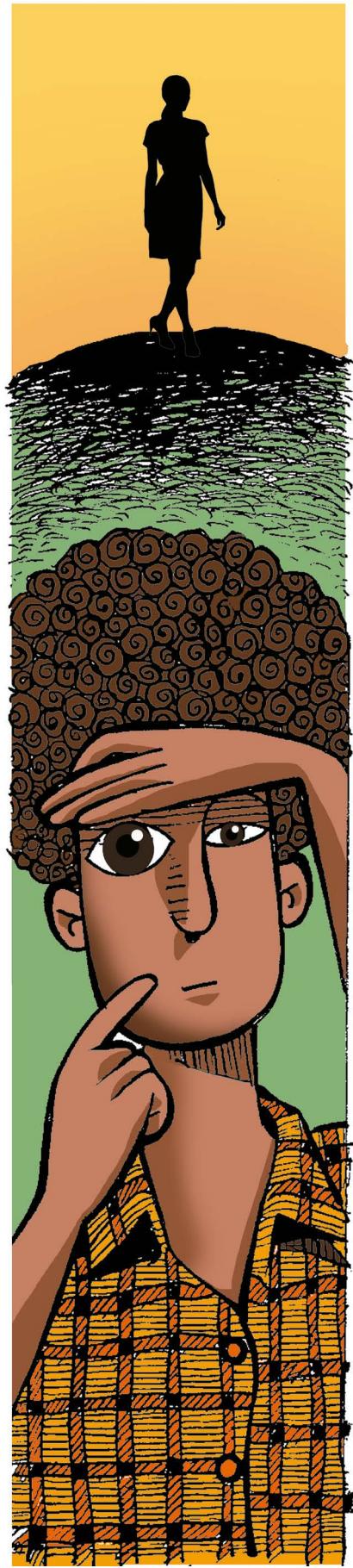


Matemática urbana

A Israel Semente Proibida

As ruas são simétricas
há compasso nos andares
estranya matemática a cidade
dois mais dois ninguém é um





Cantiga

A Cecilia Meireles

- Onde foi Dona Cecília
Onde foi que não a vi?...
– Foi comprar lençóis de seda
Pra de noite se cobrir

- Foi comprar um lenço branco
Enfeitado de alecrim –
Quem tem dor chora por ela
Quem não tem chora por mim

Hoje chorarão as éguas
Baias, pardas, carmesins
E as águias da madrugada
Hoje irão chorar por mim





Cantiga n° 2

O meu menino é de ouro
Tem os cabelos de prata
É filho da maravilha
Com a papoula encarnada

Sobrinho da rosa quenta
Amigo dos passarinhos
É filho do mar inteiro
Irmão de todos os rios

No dia em que ele foi feito
Foram feitos os ornatos
Que adornam, de verde, o campo
No doce tempo das safras

Nas horas em que ele dorme
Os pastos dormem serenos
Quando ele acorda, as serpentes
Se despem do seu veneno

Dorme, meu menino, dorme
Dorme com a lua branquinha
E acorda com o sol nascente
Com seu Rei e sua Rainha





O tempo

Amanhã eu vou à festa
Agora eu vou me deitar
Depois é depois da noite
Quando eu parar de sonhar

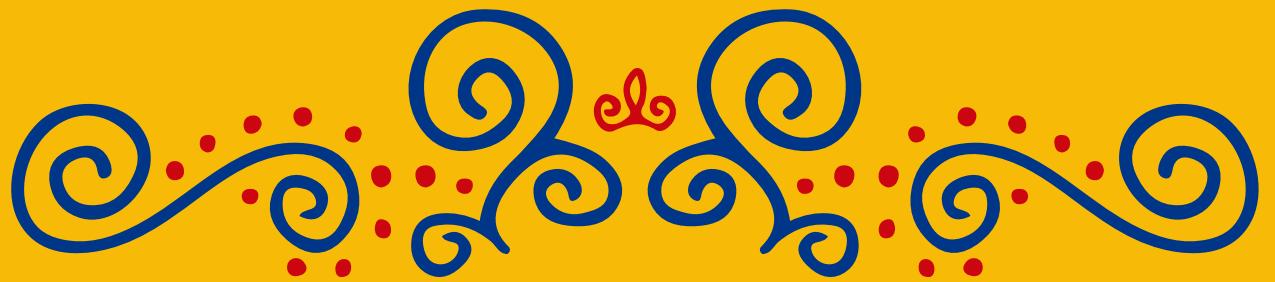
O sol é depois da lua
E a lua é depois do dia
Depois d'um bando de coisas
Vou pra casa de titia

Amanhã parece ontem
Nenhum dos dois é agora
Amanhã o meu pai volta
Que ontem ele foi embora

Mais longe é o aniversário
E a noite de Natal
Tem tanto amanhã na frente!...
Que eu prefiro o Natal ontem
Muito mais perto e legal

O tempo é tão misturado
De ontem, hoje e depois
De amanhã e de agora
Não quero mais pensar nisso
Vou aprender na Escola





JOAQUIM CARDOZO





Cajueiros de setembro

Cajueiros de setembro,
Cobertos de folhas cor-de-vinho,
Anunciadores simples dos estios
Que as dúvidas e as mágoas aliviam
Àqueles que como eu vivem sozinhos.

As praias e as nuvens e as velas de barcaças
Que vão seguindo além rumos marinhos
Fazem com que por tudo se vislumbrem
Luminosos domingos em setembro,
Cajueiros de folhas cor-de-vinho.

Presságio, amor de noites perfumadas
Cheias de lua, de promessas e carinhos,
Vivas canções serenas e distantes,
Cajueiros de sombras inocentes
Debruçados à beira dos caminhos.





Aquarela

Macaibeiras chovendo
Cheiro de flor amarela;
Cheiro de chão que amanhece.
Estavas sob a latada
Quando te abri a janela.

Cheiro de jasmim laranja
Pelos jardins anoitece;
Junto a papoulas dobradas,
Num canteiro florescendo,
A tua saia singela.

Macaibeiras chovendo
Cheiro de flor amarela...

Não sei se és tu, se eras outra,
Não sei se és esta ou aquela,
A que não quis nem me quer,
Fugindo sob a latada
Nessa tarde de aquarela.

Macaibeiras chovendo
Cheiro de flor amarela...





O meu canto é de sol

O meu canto é de sol...
É de verão florindo
Os jardins tropicais:
De túnicas vermelhas
Flamboyants cardeais!

O meu canto é de sol...
É de manhã nascente
Em profuso verão:
– Púrpuras de jambeiros
Atiradas no chão!

É de sol, é de sal
Desse mar nordestino
Suas cores abrindo
Como um pavão!

O meu canto é de sol!





LENICE GOMES



Cai, cai balão

A Rua do Sabão
Se cintilava.
O céu conhecia
As cores do balão.

A meninada
Olhava e pedia,
Assobiava e saltitava:
– Cai, cai balão... cai, cai balão...!

O balão se efervescia!!! Ria!

Por fim se juntaram
Quando uma voz arrelembrou:
– Proibido soltar balão!
Proibido soltar balão!

E o coro:
– Mas na rua do sabão!
Tudo pode!?
Enfim o balão caiu

C
A
I
U
Nas águas
Da rainha do mar!

Vitória-régia

Azul, vermelho
Palmas!
A cor violeta:
Manto de Júpiter
Pedra ametista
Flor de maracujá
Papel de maçã
Segredos em violeta.
Sei que
Roxa, toda roxa
Fica a vitória-régia
Quando a tarde vai virando noite.
E lilás?
Ah, lilás só pode ser
Filha da cor roxa.
Aliás, lilás
Era a voz do meu avô
No finzinho da tarde.
Quem veste roxo,
Dizem, a sorte bate à porta.
Engraçado!
Tem gente que fica roxo de raiva e de medo.
Vou confessar:
Às vezes fico roxa de saudades.





Flor do campo

Ela trazia
Beneditas, margaridas,
Boninas jasmins...

E diante de todos
Romana recitava:

“Foi madrinha
Quem me disse assim
Que a flor do campo
É o alecrim!”

Sob a lua,
De uma rua a outra.
Um coral de meninos
Brincavam:

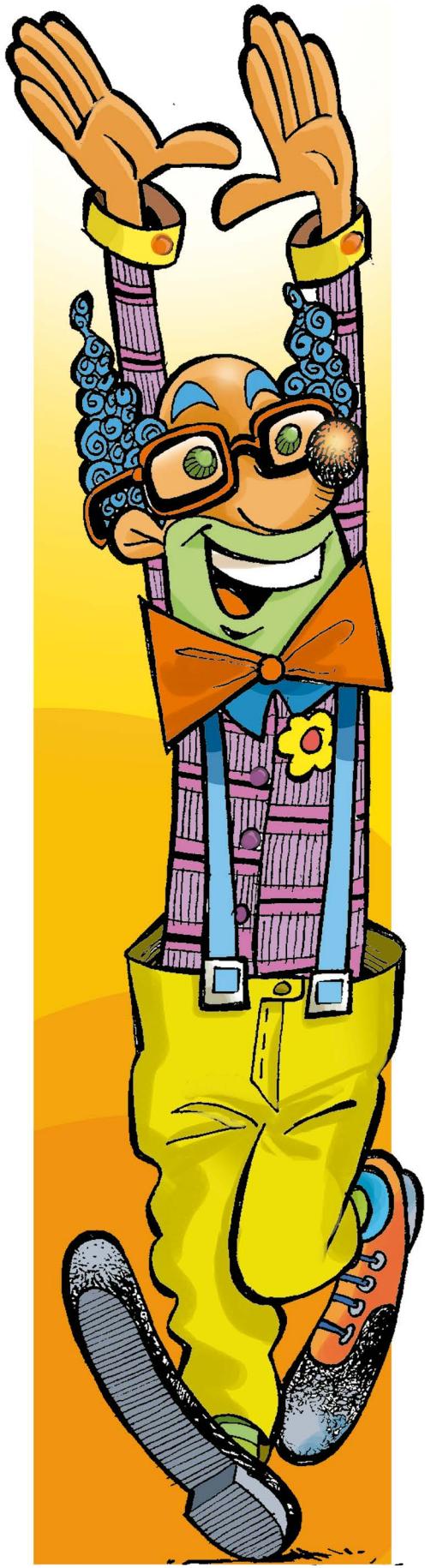
– Pera, maçã ou uva?
Abraço, aperto de mão,
Ou cravo vermelho na janela?

Atraída pela alegria
Romana puxou da caixinha
Versos de “Bate-mãos”, Adoleta – borboleta!

Alecrim pra lá,
Alecrim pra cá.
Mariquinha entrou na roda
Sem saber dançar!







Rua do Lima

À memória de minha avó Lucilla

I

Esses dias de chuva lembram sempre
as tardes de leitura no sobrado
viagens na cadeira de balanço
comendo um alfenim iluminado

João Pé-de-Feijão, Gato de Botas
Pele de Asno, Gata Borracheira
A Bela Adormecida, a Moura Torta
e eu era Alice atravessando espelhos

os olhos muito verdes no silêncio
a avó dormindo, a empregada muda
a escada o corredor a travessia
pelos mares da infância absoluta

União, Cabugá, Gervásio Pires,
murmúrio das galochas sobre a água
a capa, o guarda-chuva e era mais triste
no colégio o recreio emparedado

esses dias de chuva lembram sempre
o cágado nadando no alagado
quintal de uma criança dividida
além de Botafogo e Santo Amaro

a Rua Caimurano, o realejo
parado na Voluntários da Pátria
e eu ia visitar na Real Grandeza
minha avó portuguesa e seus canários

anúncios coloridos pelo bonde
Phymatosan, Juvenia, Gato Preto
tudo era cheiro de lança-perfume
e a escuridão do túnel meu segredo

a bica no terraço, a queda d'água
seu cântico perene e a Serpentina
Gigante que arremessa quando chove
um sol no meu cenário de menina.

||

Visões obstinadas me seguiam
da porta do sobrado para o sono
as roupas penduradas na parede
me olhavam como espíritos na sombra

e a umidade escorria das paredes
rumo às cores geladas do assoalho
só não era sombrio e indiferente
o carrossel de vidro sobre o aquário

eu tinha um avental azul e branco
e uma lancheira pendurada ao braço
dois laços de organdi entre os cabelos
e estrelas escondidas no meu quarto

um cristal onde eu via o arco-íris
vara de pegar manga-rosa e espada
o ímã que atraía os alfinetes
os discos portugueses de saudade

os bambus e as roseiras no canteiro
minha avó como eu tão delicada
e o dia em que no sótão alguém disse
querer jogar-me no Capibaribe

letreiros luminosos sobre o rio
eu sentada no ônibus “Cidade”
e na volta da escola ao meio-dia
o jogo de operários na calçada

número cento e dois, Rua do Lima:
casa tão pequenina e tão gigante
por onde foi crescendo essa menina
fada de Peter Pan tocando o sonho.





III

Ninguém sabia que eu era poeta
nem mesmo a noite com seu mar de mágoas
ninguém notava no meu dia-a-dia
a sensibilidade alucinada

mundo que eu tanto olhava e não me via
humanidade: foto congelada
assustando a passagem da alegria
na criança abstrata e solitária

versos adolescentes, eu vos amo
Colégio São José, Rua do Lima
Parque Treze de Maio, já não brinca
na calçada a pobre menina rica

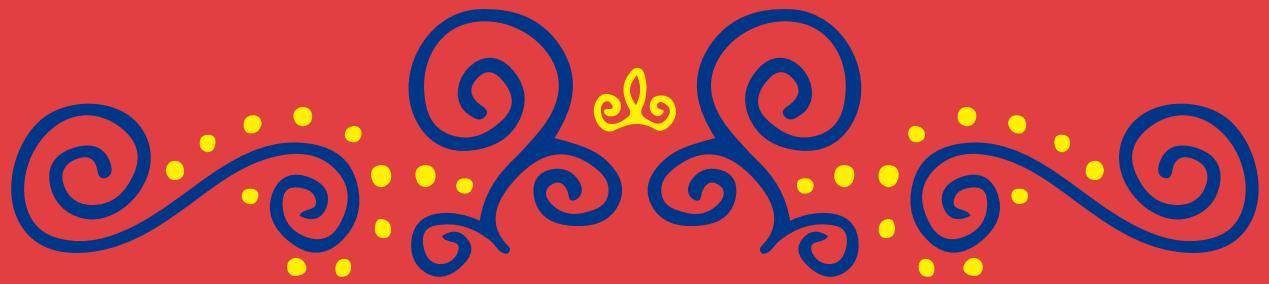
atravessei a vida entontecida
olhando para trás, levando quedas
fada feérica em fulgor de febre
amarrada ao noturno das comédias

festim feroz, feriu-me a fera fria
e o corpo que era etéreo se fez carne
carne desmesurada, carne viva
perplexa e indefesa carne alada

carne desesperada, estremecida
rebelde da paixão fragmentada
carne deusa do sonho e da magia
a razão se confessa tua escrava

Pó de Pirlimpimpim, Terra do Nunca
esses dias de chuva me recordam
e eu que sou luz vulcânica entristeço
mar de melancolia em plena mágoa.





MARCUS ACCIOLY





VII

*do
caminhão
no
caminho-grande*

Caminhão de tábua
de descer ladeira
desço numa prise
subo na primeira
passo a reduzida
meto o pé no freio
caminhão de tábua
carro-de-passeio.

- Chevrolet ou Ford?
- Não tem marca assim.
- Tem muita ferrugem?
- Tem muito cupim.
- Tem boa buzina?
- Tem o seu *au-au*.
- Tem os pneus novos?
- Tem rodas de pau.

Caminhão de tábua
muito corredor
pois qualquer descida
serve de motor
sua gasolina
não precisa não
pois ele é de tábua
mas é caminhão.



- dos
brinquedos*
- Vamos brincar de *tourada*?
 - Disso não, de *vaquejada*!

 - Quero brincar de *Trancoso*
 - Conta um desses que amedronta.
 - “Era uma vez um Papão
do Reino do Faz-de-Conta...”

 - Fala não que ele te pega!
 - Quer brincar de *cabra-cega*?

 - Não, vamos brincar de *circo*!
Começa a brincar que eu brinco.

 - Meus Senhores e Senhoras!
 - Caldeirões e caçarolas!

 - O circo vai começar.
 - E o palhaço vai falar.

 - Bom dia, Joaquim Beiçola!
 - Boa tarde, João Ventola!
 - Distinto público e artistas!
 - Poleiro de equilibristas!

 - Tem trapezistas?
 - Tem não,
que se esborrachou no chão.

 - Tem domador?
 - Nem lembrança.
Foi comido pela onça.

 - E a bailarina?
 - É perfeita,
transformou-se em borboleta!

 - Charanga?



- Toca aos sopapos,
cigarras, grilos e sapos!
- Que tem mais?
- Não falta nada.
- O circo tem empanada?
- Tem lona azul do espaço.
- Ai, circo, só tens palhaço!



XVII

- do que é o que é*
- Salte salteado
a adivinhação:
 - 20 de janeiro?
— São Sebastião.
 - Junho, 24?
— Dia de São João.
 - Todo o mês de maio?
— Da Virgem-Maria.
 - 13 de dezembro?
— De Santa Luzia.
 - Março, 19?
— É de São José.
 - E 1 de novembro?
— De São-Nunca é.

A decorative banner composed of two parallel, winding lines in blue and orange. The lines are adorned with small, stylized flower or leaf motifs at regular intervals, resembling a traditional flourish or scrollwork.

MAURO MOTA



O guarda-chuva

Meses e meses recolhida e murcha,
sai de casa, liberta-se da estufa,
a flor guardada (o guarda-chuva). Agora,
cresce na mão pluvial, cresce. Na rua,
sustento o caule de uma grande rosa
negra, que se abre sobre mim na chuva.



Chuva de vento

De que distância
chega essa chuva
de asas, tangida
pela ventania?

Vem de que tempo?
Noturna agora
a chuva morta
bate na porta.

(As biqueiras da infância, as lavadeiras
correm, tiram as roupas do varal,
relinchos do cavalo na campina,
tangerinas e banhos no quintal,
potes gorgolejando, tanajuras,
os gansos, a lagoa, o milharal.)

De onde vem essa
chuva trazida
na ventania?

Que rosas fez abrir?
Que cabelos molhou?

Estendo-lhe a mão: a chuva fria.





Jogo noturno

Ilumina-se o campo
para o futebol na aldeia.
Aparece a bola branca,
feita de algodão e meia.
Meninos poetas jogam
com a bola da lua cheia.





**MAXIMIANO
CAMPOS**



A mesa posta

Cajus, pitangas,
caldo de cana,
mel, cajás e mangas.

A toalha de linho, alva,
branca, de frutos colorida.
O mamão partido, a melancia aberta.

E todos na mesa, ao meio-dia,
sempre na hora certa.





O menino e o rio



Era uma folha
solta no rio,
o menino viu
quando ela passou.

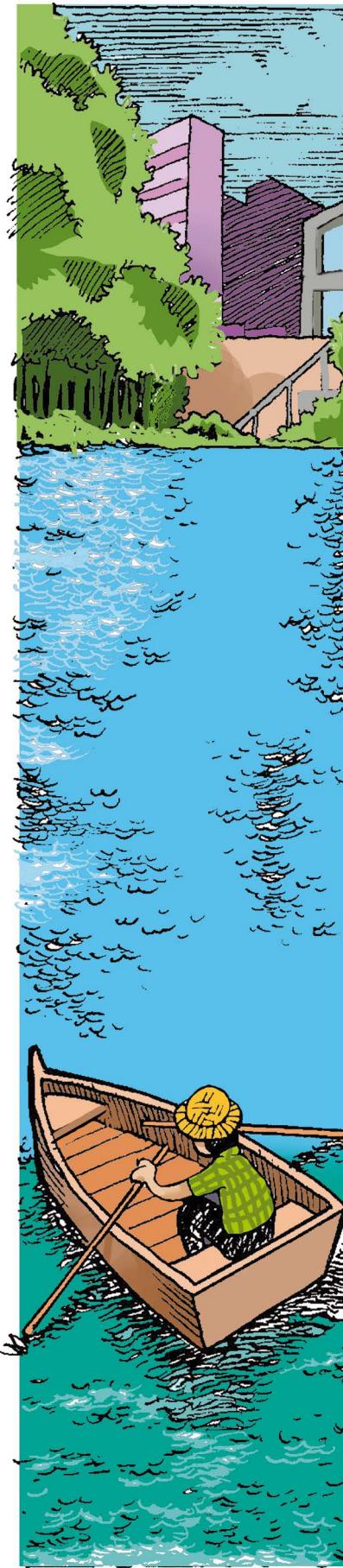
Era um engenho,
Horizonte, grande
no tempo do seu avô.

Era um pé
de acácia florido,
a avó sempre
abençoando o neto
mais querido.

Era uma tia,
que sempre só
fez rezar, perdoou
tanto e nada tinha
que perdoar.

Era a tristeza
do menino,
ao ver que não
só a folha passou,
quando de tudo
só ele e o rio
restou.





Verões do Recife

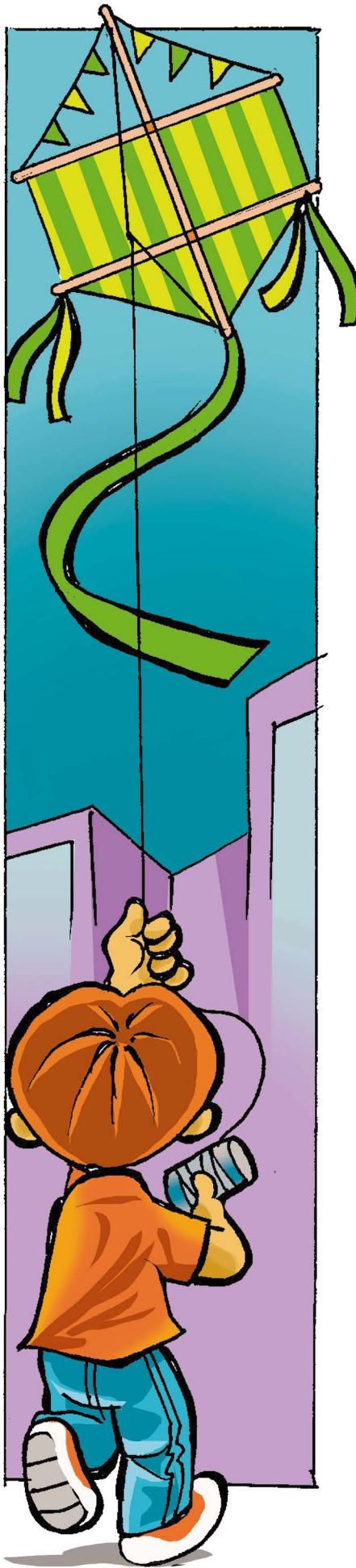
Verões do Recife,
água do Capibaribe,
subúrbios e sobrados,
barca da lembrança
nesse mar ancorada.

Recife, plana e pluma,
cidade e pássaro,
navega a cor morena,
cavalga o vento alado,
no seu verão coroado.

Coroa de flor e fruto,
cidade, varanda e terraço,
água morena, brisa serena,
mocambo, templo e sobrado,
beleza e misérias, nordeste iluminado.







Previsão do tempo



pipas no céu
crianças nas nuvens

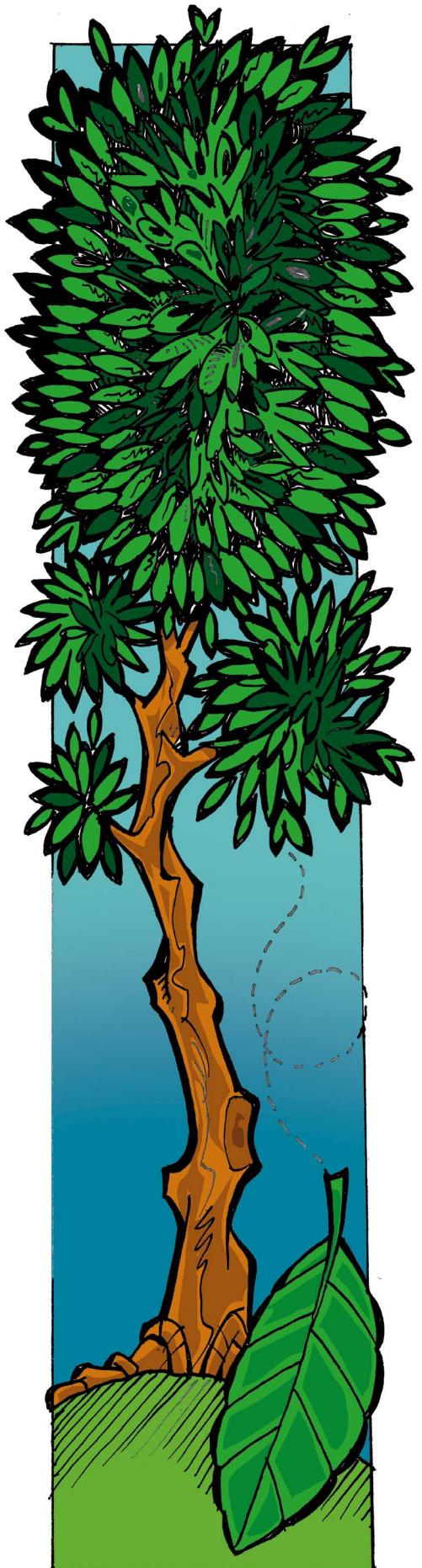




Atenção, gravando

Para Wilson Freire

as folhas caem
quando as árvores dormem





quando se está feliz
até as borboletas te levam até a esquina





Lirismo à Flor de Bia



Bia pediu pra eu inventar um sonho
na realidade meu sonho
era que os jornais de amanhã
viessem sem notícias de balas
meu sonho era distribuir Sonhos de Valsa
para as crianças que não têm
nem com o que sonhar

meu sonho era acordar
e saber que todo mundo dormiu feliz





Último ato

mesmo que tivéssemos uma enorme luneta
a viajar por nossas veias
nunca nos enxergaríamos a olho nu
logo nós
seres tão vestidos

mas um dia o pano cai



PEDRO AMÉRICO



Formigas

formigas dormem à noite
nem todas

sentinelas vigilantes
velam

escravas corujas
provisões
armazenam

o sol abre o dia
o pão vai à mesa



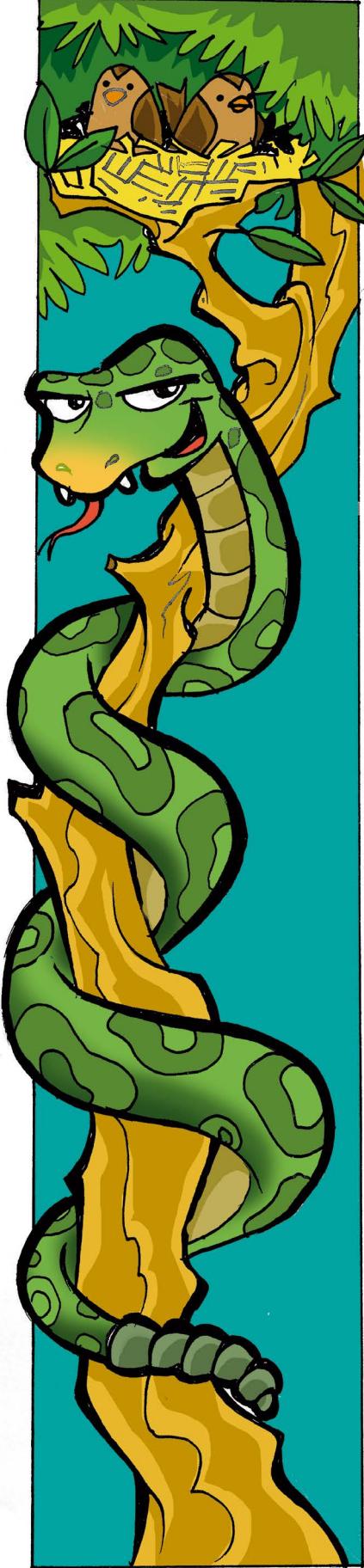


Anagramariana



ama
o mar
a mariana
ama
o mar
ama
a mariana
o mar
ama





Pardais e cobras (fabulazinha)

Uma fêmea de pardal convidou duas colegas
e as três convidaram doze amigas
escolhidas a bico
a uma ação muito arriscada

É o seguinte (falou a primeira):
cada uma de nós vai fazer um ninho no
roçado que estão brocando para queima
e o ninho será ao rês do chão

E assim fizeram

Postos os ovos, estes atraíram
as cobras mais venenosas da região

Agradecidas com o alimento
as cobras ficaram de vigília no roçado
e o defenderam com unhas e dentes
digo melhor dentes e veneno
da ação maléfica dos agricultores

Pelo menos quinze cobras estavam
a postos quando eles chegaram
assobiando para atrair o vento
e tocar fogo na mata já derrubada

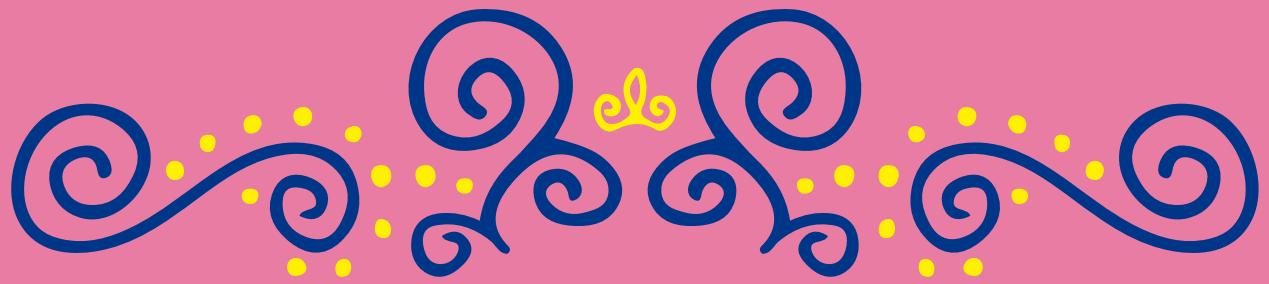
Atacados pelas cobras que
sequer chegaram a mordê-los
correram assustados e espalharam
a notícia

alarmados os habitantes ouviam
pois dizia uma lenda que quando
algum dia quinze cobras atacassem
juntas significava que esse era
o lugar em que viveram Adão e Eva
depois de expulsos do paraíso
sendo intocável porque se tratava
do berço da humanidade
onde viviam as matrizes procriadoras
– os degredados e degradadas
filhos e filhas de Adão e Eva

E os passarinhos nem sabiam da lenda
sabiam mesmo era do poder
do veneno e do medo dos homens

Moral da história:
o veneno pode ser um santo remédio





SOLANO TRINDÁDE





Bumba-meu-boi

Bumba-meu-boi
Da minha infância
“Seu capitão”
Minha fantasia
“Mateu Bastião”
Primeiro poema
Que o povo me deu.

Minha maldade
Não havia nascido
Meus problemas
Tavam pra nascer

Passavam mulheres
Melancia eu pedia

Queria era ver
A girafa a ema
O Boi a burrinha
D. Catirina
Seu Arreliquim
Passavam mulheres
Eu queria era doce
E mendubim

Vinha a madrugada
Tudo acabava
Passavam mulheres
Eu ia dormir.





Maracatu da boneca de cera

Lá vem o maracatu
da boneca de cera
mexendo com o corpo
da negrada na rua

Na frente a bandeira
depois o leão
O Rei, a Rainha
de coroa e bastão
e o zabumba tocando
Esta simples canção!

“A boneca é de cera
é de cera macera
a boneca é de cera
de cera macera” ...





Natal na minha terra

Ó natal de minha terra,
De bumba-meu-boi,
De lapinha,
De mulata pastorinha,
De Mateu, de Bastião,
De “Babau”, de “Zé Tobinha” ...

Ó Natal de minha terra,
Estou cheio de saudades,
Do menino Deus de Olinda,
Da Torre de Caxangá,
Ó Natal de minha terra,
Você se mude pra cá,
Com mulatas e mucambos,
Com pamonhas e munguzá...
Ó Natal de minha terra!
Prô Deus,
Se mude prá cá!



Navio negreiro

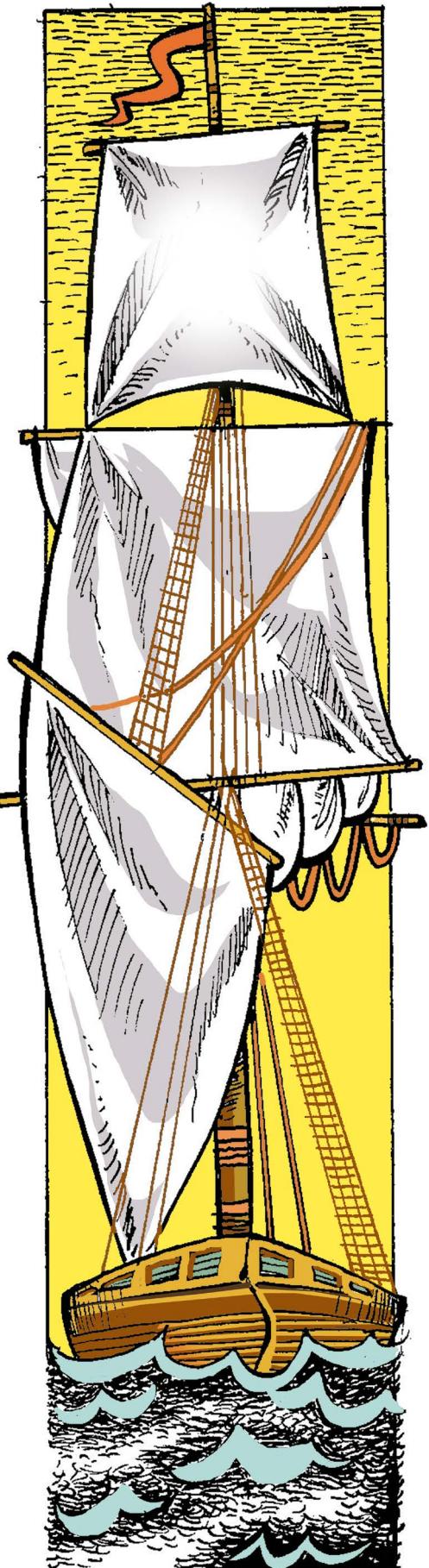
Lá vem o navio negreiro
Lá vem ele sobre o mar
Lá vem o navio negreiro
Vamos minha gente olhar...

Lá vem o navio negreiro
Por água brasiliiana
Lá vem o navio negreiro
Trazendo carga humana...

Lá vem o navio negreiro
Cheio de melancolia
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de poesia...

Lá vem o navio negreiro
Com carga de resistência
Lá vem o navio negreiro

Cheinho de inteligência





Poemas selecionados e suas fontes



DE ASCENSO FERREIRA:

“A cavalhada”. In: FERREIRA, Ascenso. *Poemas de Ascenso Ferreira*. Recife: Nordestal, 1995, p. 31-33.

“Arco-íris”. In: FERREIRA, Ascenso. *Poemas de Ascenso Ferreira*. Recife: Nordestal, 1995, p. 43.

DE CARLOS PENA FILHO:

“Retrato campestre”. In: PENA FILHO, Carlos. *Livro geral: poemas*. 2. ed. Organizado por Maria Tania Carneiro Leão. Recife: edição da organizadora. 1999, p. 85.

“Poema de Natal”. In: PENA FILHO, Carlos. *Livro geral: poemas*. Organizado por Maria Tania Carneiro Leão. 2. ed. Recife: edição da organizadora. 1999, 104.

“Sonetinho infantil”. In: PENA FILHO, Carlos. *Livro geral: poemas*. Organizado por Maria Tania Carneiro Leão. 2. ed. Recife: edição da organizadora. 1999, p. 106.

DE CELINA HOLANDA:

“Infância”. In: HOLANDA, Celina. *Viagens gerais: poesia*. Recife: Fundarpe – Cepe, 1994, p. 55.

“O cabriolé a menina”. In: HOLANDA, Celina. *Viagens gerais: poesia*. Recife: Fundarpe – Cepe, 1994, p. 89.

“Das águas e seus caminhos”. In: HOLANDA, Celina. *Viagens gerais: poesia*. Recife: Fundarpe – Cepe, 1994, p. 95.

DE CIDA PEDROSA:

“o berço”. In: PEDROSA, Cida. *Cântaro: poesias*. Recife: Edição da autora, 2000, p. 70.

“o menino e o mar”. In: PEDROSA, Cida. *Cântaro: poesias*. Recife: Edição da autora, 2000, p. 68.”

“a face e o sertão”. In: PEDROSA, Cida. *Gume*. Recife: Edição da autora, 2005, p. 63.

DE ERICKSON LUNA:

“Sem tic-tac”. In: LUNA, Erickson. *Do moço e do bêbado*. 2. ed. Olinda: Luci Artes Gráficas, 2014, p. 28.

“Sinceridade”. In: LUNA, Erickson. *Do moço e do bêbado*. 2. ed. Olinda: Luci Artes Gráficas, 2014, p. 36.

“Matemática urbana”. In: LUNA, Erickson. *Do moço e do bêbado*. 2. ed. Olinda: Luci Artes Gráficas, 2014, p. 39

DE JANICE JAPIASSU:

“Cantiga”. In: JAPIASSU, Janice. *Poesias editadas: 1970 a 2000*. Recife: Edição da autora, 2015, p. 132.

“Cantiga nº 2”. In: JAPIASSU, Janice. *Poesias editadas: 1970 a 2000*. Recife: Edição da autora, 2015, p. 329.

“O tempo”. In: JAPIASSU, Janice. *Poesias editadas: 1970 a 2000*. Recife: Edição da autora, 2015, p. 343.

DE JOAQUIM CARDOZO:

“Cajueiros de setembro”. In: CARDOZO, Joaquim. *Joaquim Cardozo: poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Recife: Editora Massangana, 2007, p. 156-157.

“Aquarela”. In: CARDOZO, Joaquim. *Joaquim Cardozo: poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Recife: Editora Massangana, 2007, p. 193.

“O meu canto é de sol”. In: CARDOZO, Joaquim. *Joaquim Cardozo: poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Recife: Editora Massangana, 2007, p. 195-196.

DE LENICE GOMES:

“Cai, cai balão”. In: GOMES, Lenice. *O tempo perguntou pro tempo*. São Paulo: Paulinas, 2003, s/p.

“Vitória-régia”. In: GOMES, Lenice. *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu!* Ilustrações André Neves. São Paulo: Cortez, 2009, p. 21.

“Flor do campo”. In: GOMES, Lenice. *Cravo vermelho e alguns conselhos*. 2. ed. Fortaleza: Imeph, 2014, p. 9.

DE LUCILA NOGUEIRA:

“Rua do Lima”. In: NOGUEIRA, Lucila. *A dama de Alicante*. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1990, p. 21-24.

DE MARCUS ACCIOLY:

“VII (do caminhão no caminho grande)”. In: ACCIOLY, Marcus. *Guriatã: um cordel para menino*. Recife: Bagaço, 2006, p. 31-32.

“XIV (dos brinquedos)”. In: ACCIOLY, Marcus. *Guriatã: um cordel para menino*. Recife: Bagaço, 2006, p. 41-42.

“XVII (do que é o que é)”. In: ACCIOLY, Marcus. *Guriatã: um cordel para menino*. Recife: Bagaço, 2006, p. 46.

DE MAURO MOTA:

“O guarda-chuva”. In: MOTA, Mauro. *Antologia em verso e prosa*. Organizada por Ivan Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: Fundarpe, 1982, p. 27.

“Chuva de vento”. In: MOTA, Mauro. *Antologia em verso e prosa*. Organizada por Ivan Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: Fundarpe, 1982, p. 28.

“Jogo noturno”. In: MOTA, Mauro. *Antologia em verso e prosa*. Organizada pelo professor Ivan Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: Fundarpe, 1982, p. 50.

DE MAXIMIANO CAMPOS:

“A mesa posta”. In: CAMPOS, Maximiano. *Do amor e outras loucuras*. Organização e apresentação Lucila Nogueira. Recife: Bagaço, 2003, p. 75.

“O menino e o rio”. In: CAMPOS, Maximiano. *Do amor e outras loucuras*. Organização e apresentação Lucila Nogueira. Recife: Bagaço, 2003, p. 81.

“Verões do Recife”. In: CAMPOS, Maximiano. *Do amor e outras loucuras*. Organização e apresentação Lucila Nogueira. Recife: Bagaço, 2003, p. 113.

DE MIRÓ:

“Previsão do Tempo”. In: MIRÓ. *Miró até agora*. 2 ed. Recife: Cepe, 2016, p. 22.

“Atenção, gravando”. In: MIRÓ. *Miró até agora*. 2 ed. Recife: Cepe, 2016, p. 27.

“dizCrição”. In: MIRÓ. *Miró até agora*. 2 ed. Recife: Cepe, 2016, p. 42.

“Lirismo à Flor de Bia”. In: MIRÓ. *Miró até agora*. 2 ed. Recife: Cepe, 2016, p. 76.

“Último ato”. In: MIRÓ. *Miró até agora*. 2 ed. Recife: Cepe, 2016, p. 191.

DE PEDRO AMÉRICO FARIAS:

“Formigas”. In: FARIAS, Pedro Américo de. *Linguaraz*. Recife: Edição do autor, 2009, p. 10.

“Anagramariana”. In: FARIA, Pedro Américo de. *Linguaraz*. Recife: Edição do autor, 2009, p. 32.

“Pardais e cobras (fabulazinha)”. In: FARIA, Pedro Américo de. *Coisas, poemas etc.* Recife: Linguaraz Editor, 2015, p. 29, 30.

DE SOLANO TRINDADE:

“Bumba-meu-boi”. In: TRINDADE, Solano. *Poemas antológicos de Solano Trindade*. Seleção e introdução: Zenir Campos Reis. São Paulo: Nova Alexandria, 2008, p. 23.

“Maracatu da boneca de cera”. In: TRINDADE, Solano. *Poemas antológicos de Solano Trindade*. Seleção e introdução: Zenir Campos Reis. São Paulo: Nova Alexandria, 2008, p. 150.

“Natal na minha terra”. In: TRINDADE, Solano. *Poemas antológicos de Solano Trindade*. Seleção e introdução: Zenir Campos Reis. São Paulo: Nova Alexandria, 2008, p. 151.

“Navio negreiro”. In: TRINDADE, Solano. *Poemas antológicos de Solano Trindade*. Seleção e introdução: Zenir Campos Reis. São Paulo: Nova Alexandria, 2008, p. 152.





Minibiografias dos poetas



Ascenso Ferreira

Ascenso Carneiro Gonçalves Ferreira é um poeta cuja poesia destaca a temática regional de sua terra. Também ficou conhecido por integrar o movimento modernista de 1922. Nasceu em 9 de maio de 1895, em Palmares, cidade do litoral sul de Pernambuco, e faleceu em 5 de maio de 1965, na cidade do Recife. Foi um dos homenageados no Circuito da Poesia no Recife. Sua escultura fica localizada no Cais da Alfândega.

Carlos Pena Filho

Carlos Souto Pena Filho foi poeta, advogado e jornalista. Nasceu no Recife, no dia 17 de maio de 1928, e faleceu no dia 1 de julho de 1960. Cursou o primário e o ginásio (hoje ensino fundamental) em Portugal. Quando voltou ao Recife, estudou no Colégio Nóbrega e no Joaquim Nabuco. Também teve a sua homenagem no Circuito da Poesia, no Recife. Sua escultura está situada na Praça da Independência.

Celina de Holanda

Celina de Holanda Cavalcanti de Albuquerque (Cecé) nasceu no engenho Pantorra, no Cabo de Santo Agostinho, em 19 de junho de 1915, e faleceu no Recife, em 4 de julho de 1999. Publicou seus primeiros poemas no *Jornal do Commercio* e no *Diario de Pernambuco*. Em 2017, foi homenageada com uma estátua na Praça José Sales Filho, na Avenida Beira Rio, no Recife. Celina é patrona da Academia Cabense de Letras.

Cida Pedrosa

Maria Aparecida Pedrosa nasceu em 1963, em Bodocó, no Sertão do Araripe pernambucano. É poeta, advogada e divulgadora cultural. Tem vários livros publicados, textos traduzidos para o francês e o espanhol, e publicações veiculadas na internet e em periódicos. Participa de movimentos culturais, oficinas, recitais, entre outros eventos focados na literatura. Em 2018 recebeu o título de cidadã da cidade do Recife.

Erickson Luna

Erickson Luna nasceu no Recife, Pernambuco, no ano de 1958. Foi poeta, boêmio e compositor de *jingles*. Morou por muito tempo no bairro de Santo Amaro das Salinas, comunidade de formação operária, palco de resistência e luta contra a opressão. Seus poemas são disputados pelos fanzines, circulando pela cidade. Faleceu no dia 18 de abril de 2007, na cidade do Recife.

Janice Japiassu

Janice Japiassu foi poeta, ilustradora e editora de seus próprios textos. Nasceu em Monteiro, interior da Paraíba, em 23 de agosto de 1939, e faleceu no Recife, em 20 de maio de 2019. Ficou conhecida como a Musa Sertaneja do Movimento Armorial, criado por Ariano Suassuna, que teve projeção nos anos de 1970. Janice deixou um legado inestimável de poemas, pinturas e canções.

Joaquim Cardozo

Joaquim Maria Moreira Cardozo foi engenheiro calculista de muitos palácios públicos de Brasília e um dos maiores poetas da literatura brasileira. Nasceu no dia 26 de agosto de 1897, no Recife, e faleceu em Olinda, em 4 de novembro de 1978. Tinha uma memória prodigiosa e sabia todos os seus poemas decorados. Foi um dos homenageados no Circuito da Poesia, no Recife. Sua escultura está localizada na Ponte Maurício de Nassau. Ocupou a cadeira 39 da Academia Pernambucana de Letras.

Lenice Gomes

Lenice Gomes nasceu em Japi, no Agreste pernambucano. É autora de mais de 37 livros e formada em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Fez o Curso de Especialização em Literatura Infantil e Juvenil na Fafire. Foi professora durante muito tempo. Começou a escrever depois que se aposentou. Desde então, tornou-se uma das mais atuantes escritoras de literatura infantil.

Lucila Nogueira

Lucila Nogueira nasceu no Rio de Janeiro, em 30 de março de 1950, e faleceu no Recife, em 25 de dezembro de 2016. Foi poetisa, contista, professora de literatura e tradutora. Mudou-se muito jovem para a capital pernambucana, onde se firmou como escritora e professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ocupou a cadeira 33 da Academia Pernambucana de Letras.

Marcus Accioly

Marcus Moraes Accioly foi poeta e professor pernambucano. Nasceu na cidade de Aliança, em 1943, e faleceu em Itamaracá, em 2017. Passou a infância com os avós maternos e mudou-se para Recife em 1957. Fez parte do grupo literário Geração 65, fundado por outros poetas pernambucanos. Ocupou a cadeira 19 da Academia Pernambucana de Letras. Tem várias obras publicadas.

Mauro Mota

Mauro Ramos da Mota e Albuquerque nasceu na cidade de Nazaré da Mata, em 16 de agosto de 1911, e faleceu em 22 de novembro de 1984, no Recife, onde estudou e se formou em direito. Foi jornalista, professor, poeta, cronista e ensaísta, e sexto ocupante da Cadeira 26 da Academia Brasileira de Letras. Também foi homenageado no Circuito da Poesia, no Recife, tendo sua escultura situada no Pátio do Sebo, no centro de Recife.

Maximiano Campos

Maximiano Accioly Campos foi poeta, ficcionista, cronista e integrante da Geração 65, constituída por vários poetas pernambucanos ou aqui radicados. Nasceu em 9 de novembro de 1941, no Recife, e faleceu em 7 de agosto de 1998, nesta mesma cidade. Publicou vários livros de ficção e poesia, foi colaborador de Gilberto Freyre no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, assumindo, posteriormente, a superintendência do Instituto de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco.

Miró

João Flávio Cordeiro da Silva (Miró) ganhou esse apelido jogando futebol, ao ser companheiro ao jogador Mirobaldo, à época, do Santa Cruz Futebol Clube. Iniciou sua produção poética com versos marcados pelo lirismo, mas depois sua obra passou a refletir a violência presenciada no dia a dia. Miró nasceu no Recife, no dia 6 de agosto de 1960. Fica conhecido como Miró da Muribeca por ter vivido um bom tempo nesse bairro da cidade de Jaboatão dos Guararapes. Faleceu em 31 de julho de 2022.

Pedro Américo de Farias

Pedro Américo de Farias nasceu em Ouricuri, Pernambuco, em 10 de abril de 1948, e viveu no Recife desde 1968. Não faz parte de qualquer movimento literário. Considera-se, *lato sensu*, um experimentalista das formas poéticas, usando a métrica ou o verso livre. Escreve e diz poesia, escreve prosa crítica e tem preferência pela leitura da prosa de ficção. Tem vários livros publicados.

Solano Trindade

Francisco Solano Trindade nasceu no Recife, em 24 de julho de 1908, e faleceu no Rio de Janeiro, em 19 de fevereiro de 1974. Foi poeta, folclorista, pintor, ator, teatrólogo, cineasta e militante do Movimento Negro. Morou e trabalhou no Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1934 idealizou o I Congresso Afro-Brasileiro no Recife. É considerado um dos maiores representantes da poesia negra brasileira. Homenageado no Circuito da Poesia do Recife, sua escultura se encontra no Pátio de São Pedro.





Sobre a organizadora

Liliane Maria Jamir e Silva é pernambucana. Professora de literatura, escreve sobre autores e obras literárias, e participa de projetos para formação de leitores. Atualmente é editora científica de periódicos institucionais (anais e revistas da Fafire). Tem artigos e ensaios publicados sobre literatura infantojuvenil e literatura pernambucana em coletâneas e periódicos acadêmicos. Publicou três livros como autora e organizadora pelas edições Bagaço (Recife).



Sobre o ilustrador

Miquéas Feitosa Ferraz é natural do Recife, mas cabense de coração (cidade do Cabo de Santo Agostinho). Escolheu ser ilustrador ainda criança, por volta dos 9 anos de idade. Tudo em que tocava se tornava material para seus desenhos: carvão, gesso, tijolo de construção, areia da praia, asfalto etc., fazendo ainda hoje com que textos se tornem um mundo de cores e encanto, criando, assim, um universo mais feliz e colorido.

Esta edição foi composta nas fontes Minion Pro e Goudy Sans Std,
projetada para a veiculação digital em versão E-book (PDF), pela
Editora Massangana, em 2023.

Este livro, *Ciranda pernambucana - Antologia poética infantjuvenil*, organizado pela professora Liliane Maria Jamir e Silva e ilustrado por Miquéas Feitosa Ferraz, reúne poemas de 15 autores pernambucanos. Aqui se encontra uma seleção de poemas que podem atrair jovens - e também adultos - ao universo da leitura, pequenos textos que refletem sobre o tempo mágico da infância e dos primeiros anos da adolescência.

Autores presentes com seus poemas na antologia:

**Ascenso Ferreira
Carlos Pena Filho
Celina de Holanda
Cida Pedrosa
Erickson Luna
Janice Japiassu
Joaquim Cardozo
Lenice Gomes**

**Lucila Nogueira
Marcus Accioly
Mauro Mota
Maximiano Campos
Miró
Pedro Américo de Farias
Solano Trindade**

978-65-5737-036-0



 Fundação
Joaquim Nabuco

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL

BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO